



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Reflexos da Formação no Exercício da Docência: Relato de experiência de uma professora de Matemática

Formação de Professores na Perspectiva Inclusiva

Flávia Helena Pereira¹

Resumo: Discussões sobre educação inclusiva têm aumentado nas últimas décadas em busca de reflexões e propostas à Formação de Professores. O objetivo deste trabalho foi relatar a experiência de uma professora de matemática que lidou com aluno autista e hiperativo em sala de aula regular. Realizou-se revisão bibliográfica para fundamentação teórica e apresentou-se relato de experiência da professora do ensino fundamental II que vivenciou dificuldades e conquistas na docência da turma de sexto ano em 2017. Seu maior desafio foi ensinar toda a turma e um aluno autista e hiperativo. Durante o ano, a docente testou adaptações em seu modo de ensinar e percebeu seu despreparo para exercer a profissão docente da educação especial. De suas práticas, surgiram reflexões e inquietações a respeito da situação e assim, questionou sua formação e o currículo do curso de Licenciatura. A professora buscou orientação e alternativas para que pudesse desenvolver seu trabalho de forma melhor, com o tempo, adaptou-se ao comportamento do aluno. Percebeu também a adaptação do aluno com as aulas de matemática, o que amenizou a preocupação em exercer o trabalho docente e lidar de forma natural com situações, até então desconhecidas por ela.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Formação de Professores; Formação de Professores de Matemática para a Educação Inclusiva.

Introdução

A inclusão social é tema estudado e discutido nacional e internacionalmente. Segundo Mazzota e D'Antino (2011), estas discussões acontecem desde a década de 90. Esta questão é relevante, pois, envolve cenários e personagens diferentes: a formação de professores; o docente em seu exercício profissional; o aluno com necessidades educativas especiais; os outros alunos em aprendizado na sala de aula, tudo isso no contexto escolar.

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro - flaviahelenapereira1@gmail.com



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Torna-se necessário o estudo de alternativas para adequar a formação de professores com a lida na educação especial, em busca de melhor ensino e acolhimento aos alunos com necessidades educativas especiais. Pode haver intervenção no currículo de formação superior dos licenciados, bem como a adequação dos recursos escolares disponíveis nas escolas.

O objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência de uma professora de matemática que lidou com aluno autista e hiperativo em sala de aula do ensino regular. Com a finalidade de se atingir o objetivo geral, têm-se por objetivos específicos: a) rever a bibliografia para fundamentação teórica b) descrever a experiência da professora; c) discutir a inclusão social na formação de professores.

Desenvolvimento – Relato de experiência

Para relatar a experiência apresento-vos:

Elias - pseudônimo do aluno personagem do relato.

Flávia - nome real da professora de matemática.

Em 2017, aos treze anos, Elias, que possui autismo e hiperatividade, era aluno do sexto ano do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal na cidade de Sacramento-MG. Flávia, professora de matemática da referida turma, cursava naquele ano, o sétimo e oitavo períodos do curso de Licenciatura em Matemática em uma Universidade Federal.

A docente havia lecionado nos dois anos anteriores, porém, não havia tido contato com aluno da educação especial. Na turma de alunos não havia acompanhamento especializado, embora fosse necessário, conforme afirmado por Glat (2003). Nos primeiros dias de aula, Flávia não sabia como lidar com a situação de ensinar o aluno que possuía comportamentos não conhecidos por ela.

Uma das características de Elias era a dificuldade de concentração, com isso, suas atitudes desconcertavam a turma de alunos que não o compreendia. Os colegas tinham o



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

hábito de criticá-lo pelo fato dele possuir comportamentos vistos por eles como ‘estranhos’. Flávia sentia-se insegura para lidar com Elias, devido à ausência de experiências com alunos com necessidades educativas especiais. Assim, a professora não sabia conciliar as necessidades de Elias, com os outros alunos da turma.

Diante deste fato, a docente buscou orientação na escola, e também estudou brevemente sobre formas de lidar com o comportamento de Elias. Dentre as situações que Flávia viveu em sala de aula, temos que, em um dia, o aluno gastou toda a tinta de uma caneta rabiscando uma folha do caderno. A intenção naquele momento era esgotar toda a carga de tinta até o final da aula. Este comportamento irritou os colegas, pois, gerou barulho e movimento repetitivo, chamando a atenção de quem estava próximo a ele.

Em outra situação, Elias entrou no armário da sala com um guarda-chuva e fechou as portas, permanecendo no local durante todo o tempo da aula. Mais uma vez este comportamento gerou desconforto nos outros alunos da turma. Nestes momentos, o aluno estava bastante determinado a cumprir seu objetivo, e mantinha-se resistente quando Flávia intervinha e solicitava que parasse.

Por outro lado, houve diversas situações em que Elias estava tranquilo e silencioso. A professora percebia que o aluno mantinha-se distante dos colegas, porém o comportamento era menos movimentado e barulhento. Nestes dias, a turma sentia-se mais disposta a participar das aulas.

Elias havia dito muitas vezes que o silêncio o incomodava e que precisava fazer barulho e movimento para se sentir bem. Ele cantava, batia palmas, batia seus objetos na mesa para estar confortável. Quando se ausentava da aula, os colegas comemoravam, mas Flávia não encarava esta situação com satisfação, pois, para ela, era intrigante perceber que alguns alunos gostavam da ausência de Elias. A professora acreditava que o aluno deveria ser bem recebido pelos colegas e que ela pudesse ensinar a turma toda, o que não acontecia.



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Quando a docente sentia-se desgastada pela situação de embaraço e falta de preparo para lidar com a situação, ignorava Elias para seguir com as atividades e concluir o que estava proposto para a aula. Flávia questionava-se constantemente sobre sua atuação enquanto professora em Formação, e a lacuna existente entre a Licenciatura em Matemática e a Educação Especial.

Em busca de alternativas para lecionar de maneira satisfatória, Flávia tentou uma estratégia para dialogar com Elias, já que o aluno não gostava de aproximar-se de pessoas. Assim, aproveitou a oportunidade de sentar-se em uma cadeira ao lado de Elias, em um momento em que ele havia saído da sala.

Ao retornar, o aluno estranhou a presença da professora ao seu lado, porém, mostrou-se interessado em realizar as atividades da aula. Ao realizar as tarefas, Elias iniciou conversa com Flávia e contou algumas histórias pessoais. Na aula seguinte, a docente teve a mesma atitude, e após orientar a turma sobre as atividades, dispôs-se a auxiliar Elias, sentando-se com ele novamente. Mais uma vez o aluno se interessou em participar, permanecendo engajado.

Desde então, o aluno foi aos poucos se sentindo mais confortável nas aulas e aproximou-se de Flávia, cada dia contando uma nova história. A mudança na abordagem da professora com Elias gerou um vínculo entre eles. Porém, este fato fez os outros alunos da aula sentirem-se enciumados.

Alguns colegas cobravam que a professora sentasse ao lado deles para ensinar, o que não era possível, já que o tempo da aula e a quantidade de alunos não permitia que acontecesse. A docente percebeu que tais manifestações ocorreram somente depois da maneira que havia descoberto em ensinar Elias e mantê-lo focado.

Ressalta-se que esta estratégia de aproximação não funcionou em todas as aulas, pois, havia dias que Flávia precisava explicar novos conteúdos e corrigir exercícios. Também acontecia de Elias isolar-se não admitindo contato com nenhuma das pessoas presentes na sala de aula. Por isso, a cada momento era uma nova descoberta.



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Deparando-se com a aproximação de Elias em detrimento dos demais alunos da turma, Flávia questionou-se novamente sobre fazer-se professora e ensinar alunos do ensino regular juntamente com alunos da educação especial. Por isso, a docente defende a necessidade do acompanhamento de profissional especializado em sala de aula.

Percebeu-se que Elias manteve dificuldades no aprendizado, porém, houve grandes mudanças comportamentais. Os laços estreitados entre ele e a professora, proporcionaram descobertas à Flávia, que pôde ouvir e conhecer sobre o comportamento do aluno autista e hiperativo.

Finalizado o relato, segue-se com apresentação de discussões e resultados.

Resultados e discussão

Encontra-se na Declaração de Salamanca que alunos “com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades” (BRASILb, 1996). Assim, compreende-se que as escolas devem ter profissionais qualificados e preparados a ensinar o aluno de acordo com suas características e necessidades de aprendizagem.

A lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, determina em seu Art. 4, Incisos I e III:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 2013)

Notamos que na situação de vivências em sala de aula, descritas pela professora Flávia, não houve a inserção de professor especializado, o que gerou questionamentos e



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

constrangimentos na docente que manteve seus primeiros contatos com aluno da inclusão escolar, sem suporte especializado.

Segundo Glat (2003), um ensino de qualidade para crianças com necessidades educacionais especiais, na perspectiva de uma educação inclusiva, envolve: professores “generalistas”, do ensino regular, com conhecimentos gerais sobre a diversidade dos alunos; e professores “especialistas” em necessidades educacionais especiais.

Mesmo que haja especialista atuante em sala de aula, Mazzota e D’Antino (2011) reforçam que deve-se considerar as condições de trabalho disponíveis na escola. Deve-se levar em conta a disponibilidade de materiais pedagógicos necessários para o desenvolvimento de atividades com os alunos incluídos, bem como a precariedade de orientação da administração e supervisão da escola.

Destaca-se que, a formação que os professores receberam, influenciam diretamente o desenvolvimento dos alunos (LIBÂNEO, 1998). Como pôde ser notado, ocorreu de o aluno ser incluído na escola regular e não ter o devido acompanhamento. O professor licenciado não é especialista, assim, o aluno situa-se em um sistema não adaptado à educação especial. Fez-se necessária a criação de lei que orientasse a inserção do aluno da educação especial na sala de aula regular, porém:

Não basta que uma proposta se torne lei para que a mesma seja imediatamente aplicada. Inúmeras são as barreiras que impedem que a política de inclusão se torne realidade na prática cotidiana de nossas escolas. Entre estas, a principal, sem dúvida, é o despreparo dos professores do ensino regular para receber em suas salas de aula, geralmente repletas de alunos com problemas de disciplina e aprendizagem, essa clientela. (GLAT; NOGUEIRA, 2003, p.134)

Assim, defende-se que para receber os alunos da educação especial, a escola deve ter profissionais preparados para lidar com o aluno e ensiná-lo dentro de suas condições. Porém, no currículo do curso de Licenciatura em Matemática que Flávia cursou, não houve orientação sobre como trabalhar com alunos autistas e hiperativos.

Têm-se que:



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Todas as crianças, jovens e adultos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação devem ter assegurado o seu direito de aprender no ensino regular, na série correspondente à sua faixa etária. Os professores da educação comum, em articulação com a educação especial, devem estabelecer estratégias pedagógicas e formativas, metodologias que favoreçam a aprendizagem e a participação desses alunos no contexto escolar. Deve-se ressaltar a necessidade da efetivação do acesso a educação infantil, de assegurar que todas as crianças possam participar de ambientes comuns, beneficiando-se deste processo. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020)

Sendo o autismo um dos transtornos globais do desenvolvimento, verifica-se, por esta afirmação, do Ministério da Educação, que os professores devem adaptar-se à situação da inclusão escolar. Por isso, Flávia questionou sua Formação Docente, pois, viu-se despreparada a enfrentar a situação de lidar com o aluno da educação especial sem ter a devida qualificação.

Conclusão

Os currículos dos cursos de licenciatura podem ser modificados, com a inserção de componentes curriculares que atendam às demandas existentes no contexto escolar, voltando seu olhar à inclusão. Esta alternativa não resolverá o problema, porém, auxiliará o profissional a buscar alternativas de trabalho e desenvolver estratégias que amenizem as situações ressurgentes do despreparo pedagógico.

Para tanto, vale também uma aproximação da universidade e da escola básica, promovendo ao futuro professor, as vivências com alunos da inclusão social nos estágios, como também disciplinas que fundamentem os profissionais e os oriente.

A inclusão escolar é direito, e o respaldo do profissional docente bem como o acompanhamento adequado do aluno, é dever.

Referências

BRASIL. Lei n. 12.976, de 4 de abril de 2013. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a



II ENEMI

Encontro Nacional de Educação
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112796.htm>. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. **Declaração de Salamanca:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: MEC, 1994. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2020.

CAMARGO, Eder Pires. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlances e desenlaces.** Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132017000100001%20&script=sci_arttext> Acesso em: 21 ago. 2020.

GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mario Lucio de Lima. **Políticas Educacionais e a Formação de Professores para a Educação Inclusiva no Brasil.** Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/1647/1055>> Acesso em: 21 ago. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora:** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira; D'Antino, Maria Eloísa Famá. **Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais:** cultura, educação e lazer. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n2/10.pdf>> Acesso em: 01 set. 2018.

PLETSCH, Márcia Denise. **A formação de professores para a educação inclusiva:** legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000100010&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 21 ago. 2020.